

Bahia

Viagem no tempo: Um resgate da linda história da família de dona Ildete e seu Milton



Para toda boa história é esperado um final feliz. Mas e se a história apesar de feliz não tiver final? Melhor ainda, e se ela for real? Apesar de ter começado bem antes dessa data, 22 de fevereiro de 1991, é nesse dia, o dia do casamento que, de fato, ela começa a tomar forma. Seus personagens principais são dois agricultores Ildete e Milton e filhos Merilson e Micaélton lá da comunidade Estreito em Caetanos na Bahia. Quem vos conta essa história é a própria Ildete.

Nessa época eu tinha apenas 16 anos e estava decidida a construir uma família com Milton. E assim foi. Mas formar família não era fácil e viajar para São Paulo foi o jeito que nós encontramos para começar

a vida. Volta e meia a saudade de casa falava mais alto. Então nós ficou na terra da garoa por apenas seis meses, a tempo de juntar uma graninha para voltar pra Caetanos.

Já no Estreito, eu e Milton descobrimos em 1992, que seríamos papais. Eita que felicidade! E preparamos o enxoval e as temperada e cuidamos das galinhas para depois do nascimento marcar o pirão. E então, em 23 de novembro nasceu um garotão que chamamos de Merilson. Tudo era mágico pra nós. Agora a gente era mesmo uma família e assim como nossos pais, da roça nós íamos tirá o sustento. Porém o destino tinha outros planos pra gente e, em decorrência da saúde frágil de Merilson, a gente se mudou para São Paulo.

O sonho era de voltar para o Estreito e, enquanto isso não era possível, nós fazia de tudo para poupar recurso e melhorar a roça. Tanto que a iniciativa nos rendeu em 1998, a compra de umas cabras e o começo do cultivo da capineira que era para o sustento dos animais. Como a gente não podia retornar para o Estreito, a gente contava com o auxílio dos parentes que moravam na comunidade ou pagávamos alguém para que cuidasse de tudo até que nós pudesse retornar.

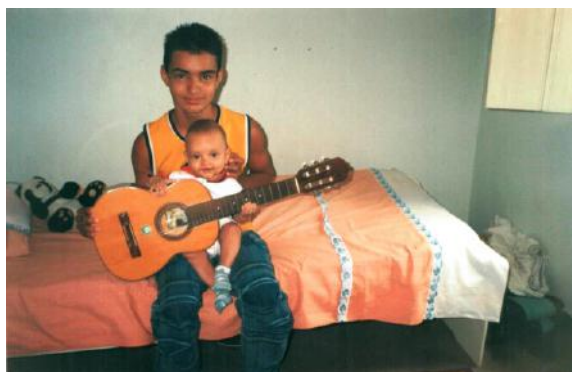
Foi em 2001 que, de mala e cuia, voltamos para a comunidade do Estreito e eu consegui as primeiras muda de bananeiras. Pense numa dificuldade! A água que tínhamos era a do rio Caveira que fica nos fundos da propriedade e, como ainda hoje, era imprópria pro consumo. Nessa época aqui também num tinha energia elétrica.



No ano de 2002, começamos a fazer parte da Associação Comunitária Rural Unidos do Estreito. No ano seguinte, o pomar foi se tornando variado e já era possível ver na roça o plantio de pés de goiaba, pinha e os mamão, uma fartura só. E não parou por aí, pois, em 2004, para nossa alegria chegou, por meio da ASA, as cisternas de 16 mil litros e nós fomos beneficiados. Desse dia em diante nós passou a consumir água de qualidade. A ASA fez a gente ter autonomia e acreditar ainda mais que era possível permanecer na nossa região. Ela não veio só com a água, mais com muita informação.

Esse foi o primeiro contato da gente com as política pública. Foi também um ano de chuvas abundante o que proporcionou boa água para beber, boa produção no pomar e como não dávamos conta de consumir essa foi a oportunidade que encontramos para aumentar a renda da família. E isso deu tão certo que Milton, que não é besta nem nada, preveno que a produção não ia parar por aí, deu logo um jeito de comprar uma motinha que era pra facilitar levar as frutas para vender lá na feira.

Não demorou muito pra gente receber, no ano de 2005, a 2ª água. A tecnologia era uma belezura, uma cisterna enxurrada com canteiros bem bonito e econômicos, esperando que nós agora com mais fartura de água, plantásse os legumes e verduras. De agora em diante, ficava mais fácil cultivar porque já havíamos participado das capacitações em GRH, GAPA e SISMA e nós compreendia a importância de cuidar da natureza. Desse modo, mesmo não entendendo naquela época o conceito de agroecologia, a gente começou na propriedade o plantio de várias espécies e com isso conseguimos perceber as melhorias dessa ação.



E a fertilidade não ficou só nas terras não. Vinha por aí mais um membro da família, o pequeno Micaélton que apelidamos de Mica. Ele nasceu em 29 de junho com toda saúde! Com o aumento da família, era hora de se reorganizar. Desse modo em 2009, além do acesso ao Programa Bolsa Família e Bolsa Escola, nós também obtive outros créditos para manutenção da roça. Somado a isso chega em abril de 2010, a energia elétrica. No mesmo ano, eu entrei na faculdade de pedagogia, o pequeno Mica começou os estudos primários e Merilson, meu filho mais velho, começou a cursar radiologia. Vixe quanta mudança!

Mas nem tudo são flores. Em 2011, a falta de chuva preocupou a gente assim como outros agricultores que necessitavam da água para poder plantar. Mas, não tendo muito que fazer, nós decidimo utilizar com sabedoria as aprendizagens dos cursos que nós tinha participado. E, criando alternativas com os defensivos naturais, adubação orgânica e técnicas simples para economia da água, a gente foi levando a vida. O que importava é que nossa família tava unida. Nos anos que se passaram, nós com sabedoria tocamos a propriedade e, para nossa alegria não é que no ano de 2015, eis que a comunidade do Estreito foi contemplada com o Projeto Sementes do Semiárido? Além da construção do Banco de Sementes as famílias tiveram acesso à Assistência Técnica.

Neste ano de 2016, eu, Milton, Merilson e Micaélton recebemos como herança hectares de terra. Tendo em vista isso, a gente pegou o PRONAF e estamos fazendo planos de comprar um carro que é para expandir o comércio de nossos produtos. Essa é nossa história e ainda temos muito chão pela frente e digo que se nós conseguiu, com muita luta qualquer família também pode!

Realização

Apoio



Articulação
Semiárido
Brasileiro



PROGRAMA
CISTERNAS

Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

